

LUÍS OSÓRIO

A QUEDA DE UM HOMEM

teorema



Título: *A Queda de Um Homem*
© 2017, Luís Osório e Teorema Editores
Todos os direitos reservados.

Capa: Rui Garrido
Fotografia do autor: Rodrigo Cabrita

Revisão: Eda Lyra
Paginação: Paulo Sousa
Impressão e acabamento: Guide, Artes Gráficas

1.ª edição: Setembro de 2017

Depósito legal n.º 429 337/17
ISBN: 978-972-47-5157-3

Teorema
Uma editora do Grupo LeYa
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
www.teorema.leya.com
www.leya.com

Este livro segue a grafia anterior ao novo Acordo Ortográfico de 1990.

Dedicado à Ana

(por ter feito comigo esta viagem)

Ao André, Miguel e Afonso – meus filhos
e tudo o que sou

À Leonor e ao João – meus para sempre queridos

Ao Duarte Bárbara, meu editor, a quem confio este futuro

Ao João Miranda e José Costa Trindade, pela leitura e opinião

Aos meus leitores – razão de ser da viagem

Como toda a gente, só disponho de três meios para avaliar a existência humana: o estudo de nós próprios, o mais difícil e o mais perigoso, mas também o mais fecundo dos métodos; a observação dos homens, que na maior parte dos casos fazem tudo para nos esconder os seus segredos ou para nos convencer de que os têm; os livros, com os erros particulares de perspectiva que nascem entre as suas linhas.

Marguerite Yourcenar, em Memórias de Adriano

I

Está deitada, o que não é uma novidade. Ela está sempre deitada. Arriscado concluir que o desconforto seja uma consequência de não sentir as pernas, era a sua condição, habituara-se. Por vezes, ao escutar os outros obrigava-se a desejar formar a sua própria família, ir às compras, experimentar o seu corpo noutra corpo, levar o lixo à rua. Desejos que sabia como travar, evitava o luxo de uma obsessão, um veneno tão forte como o da melancolia, seria o seu fim.

Tinha rituais, planos de fuga, pequenas perversidades. Planeava mentiras, fazia os pais acreditar no que queriam acreditar, assustava-os com a tristeza, pedia-lhes comprimidos e uma morte rápida que não desejava. Aprendera que a incredulidade repelia, impossível de esquecer a cara dos pais depois de lhes ter confiado que escrevia todos os dias romances dentro da cabeça. Fora a primeira e a última vez que lhes confessara alguma coisa, não repetiu o erro uma segunda vez. Tinha rituais que a defendiam tanto dos vivos como dos seus personagens. Não podia desiludir uns com a esperança nem iludir os outros com falsas promessas; à família oferecia pequenos motivos para não desistirem dela e aos que inventava vidas sempre incompletas, um excelente pretexto para a eles voltar.

Vivia entre dois mundos. E não suportava a ideia de ficar presa a qualquer um deles.

Os dias de festa eram um suplício. Difícil não poder «fugir» e horrível a obrigação de fazer sala. A cadeira de rodas era quase sempre motivo de conversa e agradecimento colectivo; incrível a sorte que tinha por ter um primo que, sendo influente entre os líderes do mundo, não perdera a generosidade. Em todas as reuniões familiares reconhecia a gentileza, se era o que esperavam que fizesse, era isso que lhes oferecia. Escutava com benevolência os testemunhos do seu sofrimento, o terror de quase a terem visto morrer, a queda nas escadas, os anos de sanatório, o regresso a casa, a caminha preparada, as primeiras operações, os berros que não deixavam ninguém dormir, a vontade de morrer e os seus mais próximos a nunca vacilarem, a jurarem-lhe que tudo era possível, que era uma fase. Era sempre uma fase. Naqueles martirizantes convívios agradecia por nunca a terem deixado perder-se, agradecia-lhes pelo regresso da força nos braços, pela recuperação dos movimentos no ombro, pela pessoa contratada para a tratar, limpar, lavar, mudar de posição, enxugar-lhe a baba, limpar-lhe a merda, ouvi-la.

Está deitada numa cama que não é a sua. Se estivesse no seu quarto fecharia os olhos e iria para dentro – precisava de resolver um assunto inadiável, não podia esperar mais um único dia. Só que ali era mais difícil, o colchão duro e a ausência de privacidade incomodavam-na e uma mosca pousara-lhe na cabeça e depois nas pernas. Fora de causa incomodar a enfermeira, precisaria dela no pós-operatório, gastar trunfos e maçá-la com detalhes seria uma péssima estratégia. Tentou abstrair-se, nisso era competente. O pai chegaria na hora das visitas o que não calhava nada bem. Não podia demorar muito mais tempo, o assunto era inadiável.

Fechou os olhos.

Vivia um homem na sua cabeça, ele era o assunto impossível de adiar. Surgia-lhe nos sonhos e obrigava-a a desistir – aparecia-lhe e «esmagava» os diálogos dos seus personagens, um fantasma num mundo de fantasmas. Não que fosse uma novidade, ele sempre lá estivera e era-lhe familiar desde que se lembrava de lembrar. Ao princípio não a incomodava, limitava-se a estar sem ser convocado, um vírus de que se esquecia largas temporadas até tornar a surgir-lhe do nada sempre com uma conversa progressivamente mais perversa, apresentava-se como o primo que lhe pagava as operações, os tratamentos, a criada e as fraldas. E ameaçava-a de não acordar se continuasse a inventar mundos paralelos que só a prejudicavam pois assim nunca teria uma vida própria. Passara a ser uma presença recorrente, um tortuoso pesadelo.

Reconhecia-o de uma fotografia de família e de dispersas imagens na televisão onde nunca surgia em primeiro plano. Definiam-no em artigos jornalísticos como brilhante, visionário, despojado, avesso a entrevistas, sem telhados de vidro, perfeito. A fotografia no álbum, gasta de tão olhada, era a inequívoca prova de que não existia engano possível, o que a salvara num mundo estava a destruí-la no outro.

Uma ligeira impressão nas pálpebras obrigou-a a voltar a si, outra vez a mosca. Desistiu da cerimónia, dos paninhos quentes, gritou. A diligente enfermeira não demorou a limpar-lhe a testa depois de a ter sacudido, só lhe faltava não estar tranquila antes de uma operação tão importante. Outra operação, mais esperança, decidira que esta seria a última. Estava cansada. Ao almoço vira passar uma equipa médica com neurocirurgiões, ortopedistas, instrumentistas, anestesistas e perguntou à enfermeira se eram eles, se a equipa que a iria mais uma vez abrir era aquela, uns sim outros não respondeu-lhe. O material já lá estava, mais uma noite de sono e adormeceria com a ajuda das drogas, o tempo de uma ou duas histórias das suas, livros que poderia escrever sem o desconsolo de ser despertada.

Habilitara-se a discutir com os médicos cada passo, a utilidade de cada instrumento, de cada droga, de descrever os materiais, a potência em quilowatts do «pantoff» que mais tarde iluminará o afastamento dos músculos, a clareza da incisão sobre o dorso da coluna, a janela para o que no seu corpo não passa de um campo de morte. A pele afastada com lâmina fina, o bisturi eléctrico a ir mais fundo, o enjoativo cheiro a carne, a compressa molhada que limpa os pedaços de osso, os topos do nervo vistoriados por um enorme microscópio, o enxerto da medula, a estabilização do osso, o fechar tudo como se o corpo fosse a porta de uma casa.

Continuava a ouvi-la.

A enfermeira garantiu-lhe ser uma impressão, estava sozinha no quarto, podia dormir. Deveria acreditar ou esperar mais um pouco antes de regressar ao sonho? E o som que escutava seria real ou a mosca passara a estar também no outro lado? Melhor tirar dali a ideia e concentrar-se no que precisava de ser feito – as operações desgastavam-na, por muito que fizesse por não pensar existia sempre uma quebra de rotina, mensagens de força e o inevitável horror da espera que antecedia o resultado dos testes, iguais a todos os outros, e as nauseantes mensagens que lhe apelavam à calma e lhe juravam que fora uma valente, que fizera progressos, que tinha de ter tranquilidade, coragem, paliativos para desgraçados.

Tem um plano que não pode ser adiado para amanhã. Precisa de encontrar o primo nos sonhos, torná-lo dependente da sua vontade e forçá-lo a uma morte que possa resolver a angústia de ela não ser livre no único lugar onde o poderia ser.

Tenho de o fazer já.

Chamou-o com fina volúpia como se fosse um amigo querido e não o monstro que a habitava, o que aprendera a odiar mais do que ao Deus a quem culpava pela queda, o primo. O coração acelerou, pressentiu-o perto. Irá matá-lo. Mesmo que signifique a sua própria morte e o fim das despesas pagas, das mordomias, da paciência da família. Que seja. Preferia que tudo acabasse depressa à condenação de viver pela metade. Deixou-se escorregar. O silêncio era absoluto. Gritou intimamente pelo homem que a ameaçava, quis vê-lo de corpo inteiro, não poderia inventar o seu fim se não mergulhasse mais, se não ouvisse a sua voz e reconhecesse o seu cheiro.

Estava numa estação de comboios onde não se lembrava de alguma vez ter estado, batia-lhe o vento na cara e nevava ligeiramente, pequenas estrelas que crianças desfaziam antes de tocarem no chão. Há quem se despeça, um tocador de realejo, balões, pessoas que inventara noutras histórias, não deviam estar ali, não compreendeu que ali estivessem. O cientista esquizofrénico que «condenara» a procurar a própria cura. Um inventor que falhava sempre a última equação. Um grupo de coxos de quem fez pouco por puro ressentimento. Tropas de guerras diferentes. Engravatados, presidiários, espões, a família que concebera perfeita e que ali não se reconhecia. Todos à espera do comboio. Nenhum deles fora convocado para estar, todos apareceram. Até àquele instante nunca deixara de ser autora dos seus sonhos. Os papéis tinham-se aparentemente invertido o que a enervou. Estremeceu com a suposição de que talvez o primo tivesse tido a mesma ideia, chamá-la para uma história de que não regressaria.

Viu-se menina, o que a sobressaltou. Nunca se observara inteira e com vida, antes das dores, do corpo preso, da estúpida vontade de futuro, era aquela.

Sou eu.

Ela junto dos que fez nascer. Numa estação de comboios ainda sem comboio. Vestida de algodão leve, pano branco com flores pequenas amarelas e verdes a terminar num perfeito bordado inglês, peito em favo de mel. Roupa que não se lembrava de ter visto, a mãe nunca dela lhe falara, das meias sim, de linha branca e com uma virola, usava-as com sabrinhas azul-escuras que tinha calçadas na estação. Poderia voar com elas pela maneira como corria. Apenas ela se movimentava. Assusta-se com isso, trava. No outro lado, separado pela vala dos carris, o pai sorriu-lhe. Não o pai que conhecia, o que mais tarde haveria de correr escadas abaixo para a acudir, o que lhe lia as histórias nas noites em que vinha folgado da fábrica, as que acabavam com um beijinho e o conforto dos lençóis e cobertores postos a jeito – um pai bonito, de peito largo, forte e musculado, de sorriso grande apesar de nunca sorrir, iluminado apesar de para os outros ser sombrio e excessivamente preocupado em sobreviver. Tão diferente do irmão, o seu tio. O pai do primo. O que se fez à vida, que estudou e se resolveu. Eram inseparáveis. Não pareciam irmãos. Tão diferentes e sintonizados, a avó que conhecera de dela ouvir falar espicaçava-os com pequenos problemas que os dividissem, dava a um e não a outro, estimulava divisões sem qualquer resultado. Não era normal. Irmãos têm de discutir, bater-se, ter inveja, lutar pelo espaço, por atenção, por poder. O seu pai e o pai do primo alhearam-se sempre da mínima possibilidade de uma zanga, faziam os trabalhos juntos, liam um para o outro, sempre à vez, antes de adormecerem confessavam frustrações, ambições, medo. Um sabia do outro, mais ninguém ali cabia. Não tinham amigos apesar de não se negarem às conversas ou ao tabaco barato que fumavam mais para serem vistos pelos colegas do que por outra coisa. Conversavam com os outros sobre o que nenhuma importância tinha, com as raparigas não promoviam avanços, ficavam-se

por uns olhares que alimentavam ao fim do dia com gargalhadas silenciosas. Começaram a ser falados. Ao princípio, um mero rumor. Depois bastante mais do que isso, um ruído surdo como uma premonição. Uma pequena aldeia sem mar à volta, uma ilha seca de pessoas sem assunto, generosas na pulhice.

Fodem um com o outro.

Alguém o jurou sob encenado juramento. Não se deu importância até se dar importância. Passaram a ser olhados, comentados, seguidos. Os miúdos do lugar levavam e traziam a escabrosa novidade – os irmãos nadaram nus no ribeiro, agarravam-se e riam-se como amantes, a roupa de um na manhã era a do outro à tarde. O rumor chegou ao pai pelo melhor amigo, camarada nas minas, achou que devia saber da ignomínia. Ouviu sem um comentário. Nesse dia jantou com a mulher e os miúdos, mudo. Levantou o prato, vestiu o casaco de pele de ovelha, bateu com a porta sem ruído, caminhou menos de cem metros até ao lugar onde os homens se perdiam em medronhos e aguardentes, entrou sem que ninguém desse por ele e com a vara que usava nos filhos (por amor e fé nas escrituras) desferiu um golpe no balcão e depois outro, e com copos e garrafas tombados continuou. Ninguém abandonou bagaços e assentos de madeira. Ficaram onde estavam, quedos.

«Não têm razão.»

Os mineiros reconheciam a voz pausada e quase sumida das madrugada em que desciam 80 metros abaixo do chão, elevador que obrigava ao vômito fedelhos sem rotina do inferno. Saiu como entrou. Os mesmos cem metros para trás. Acordou os rapazes que dormiam na mesma cama e foi mais simpático do que era o seu hábito, talvez até mais expansivo. Não lhes perguntou se era verdade nem eles abriram

a boca. Teriam de se despedir, cada um seguiria um caminho oposto. O pai falou-lhes de amigos que os saberiam encaminhar, o mais velho viajaria para o norte, terra de indústria de trabalho, construiria lá o sustento. E o mais novo seguiria para sul, lugar de boas escolas onde estudaria leis e faria o que o padre da terra lhe previa nos íntimos sermões, o rapaz devia dali sair para se cumprir.

O pai dela era o mais velho. O pai do primo era o juiz. Os dois estavam no outro lado da estação, de braço dado. Acenavam-lhe. O pai e o tio em jovens sorriem-lhe como apenas os que têm a vida à frente podem sorrir. Estava também uma criança de uma beleza estranha e familiar – calção azul quase preto e meias bem puxadas que lhe vincavam a perna, sapatos de atar, camisa azul de cambraia, rosto de olhos fundos verde-cinza, sobrancelhas grossas, esplêndido. Um pequeno homem de olhar vivo.

Uma imagem nítida. Mais nítida do que nos sonhos normais. Uma sensação peculiar que provava não estar em transe, sabia-se deitada e terminaria a história no momento que entendesse, bastar-lhe-ia voltar ao quarto e ao seu corpo de morta viva na cama de um hospital ainda sem visitas. Viu-se menina e quis assim continuar, fechar o tempo. Deliciou-se com o pai em jovem, mais feliz do que alguma vez idealizara. Viu o tio, igual ao que pressentia, nem mais nem menos. E o primo com a cara do adulto que a assombrava, que a castigava nos sonhos e nas transferências que lhe cobriam as operações, que a punia com falsas expectativas que a deixavam suspensa como Tântalo, que a torturava com a destruição de uma liberdade que tanto lhe custara alcançar, a única possível. Não podia capitular, dar parte de fraca, poupá-lo. O primo precisava de ser destruído. Mas como o fazer? Empurrá-lo no momento em que o comboio passasse? Envenenar-lhe a comida numa refeição que poderia inventar? Ou fazê-lo tombar por acidente, um tropeço sem o carregado da culpa, talvez fosse a melhor solução, um trabalho limpo.

O tempo estava abafado, mais do que quente. Estranhamente os que aguardavam pelo comboio protegiam-se do frio, taparam-se e abriam os guarda-chuvas. Um contraste com o seu algodão, a sua leveza, o seu calor. O primo acenou-lhe e falou-lhe o que ela foi incapaz de entender, simulou-lhe um abraço. Como podia ser tão simpático? Tinha na mão esquerda o cobertor laranja e branco que lhe pertencia, o que trouxera de casa para o hospital, tão antigo como ela própria, sem o seu rebordo macio que afagava com polegar e indicador dificilmente adormecia. E não parava de sorrir, olhos verdes de adulto, risco impecável num cabelo que cortava na primeira terça-feira de cada mês, olhar fixo em si, sem ligar ao pai que o mantinha com rédea estreita, o irmão mais jovem que estudara e fugira do mundo das fábricas, enfeitado com uma camisa azul apertada até ao cimo, um casacão recortado...

«Peço desculpa.»

A enfermeira interrompeu-a com a notícia de que o pai não poderia vir visitá-la. Acrescentou que lhe pareceu estar muito bem-disposto, a voz trazia o que é sempre difícil de explicar, uma felicidade que explodira ao retardador. Primeiro, a operação que lhe devolvera a esperança. A sua menina talvez pudesse tornar a andar, a menina do papá que só adormecia com os dedos a bordejar numa mantinha de casa e com um beijinho de boa-noite chegasse ele às horas que chegasse. A criança que os professores acreditavam que iria longe, uma extraordinária e precoce capacidade de imaginar, de responder ao que nem sequer existia para ser perguntado. Na correspondência entre os dois irmãos, cartas que nunca deixaram de trocar, era recorrentemente sublinhado que os filhos, um rapaz de um e a rapariga do outro, iriam um dia encontrar-se e mudar o mundo. Só um o conseguira.

«Talvez a minha filha possa ainda ter uma hipótese», desabafou à enfermeira antes de desligar o telefone, o que ela, experiente de tantas batalhas incertas, não partilhou.

Agradeceu a informação à enfermeira. Nada havia a contrapor. Tentou que não se notassem as habituais sombras no seu sorriso sempre forçado. Implorou para ficar sozinha. Desejava aproveitar o tempo, derradeiras horas antes do grande dia, mentalizar-se para a operação – não a poderia levar a mal. Foi nesse instante bastante particular que pediu à enfermeira algo de profundamente bizarro.

«Não se importa de me ir vigiando o sono?»

«É a minha função. Faço-o com gosto.»

«Quero que esteja atenta, não me interprete mal ou julgue que estou doida. Tenho um pressentimento.»

«É um dia importante para si, normal estar ansiosa. Quer que fique aqui?»

«Não, por favor não o faça. Preciso de dormir. Tenho coisas a fazer nos meus sonhos.»

«Mas tem o pressentimento de não regressar?»

«Sei que não regressarei da mesma maneira.»

Não o proclamou com especial gravidade, as palavras sendo pesadas saíram-lhe da boca leves e sem angústia. À enfermeira ocorreu-lhe que na vida se encontra de tudo; que fosse então como ela desejava, ficaria atenta – a doente teria a sua privacidade, mas não seria abandonada à sorte. Faria o papel dos cúmplices dos assaltos a bancos, os que esperavam à porta com o carro em ponto-morto. Ancorada por esse aviso poderia regressar à estação. Resolver o que na sua vida era impossível de continuar a tolerar. Sair de si para voltar a si. Matar ou ser morta. Construir um mundo novo ou desistir. Inventar um tempo ou não acordar para este. Ganhar um nome e

desistir de se limitar a ser uma mulher numa cama, a prova da tristeza do mundo. Tinha treino. Sabia como pesar os olhos e organizar a respiração, poucos minutos lhe eram necessários para se abandonar.

Voltou à estação.

Esforçou-se sem sucesso para ver a ponta das sabrinhas. O comboio estava parado e cheio de uma gente que não percebeu se eram os seus personagens ou figuras inventadas por alguém. Arrefecera, sentia-o nos ossos – um frio cortante, gélido, de uma montanha como a de Berghof. Observou-se a si própria numa das janelas da primeira carruagem, a menina dera lugar a uma mulher confiante. Não estranhou, limitou-se a escorregar mais um pouco na cama ou assim o intuiu. Estava fundo, mais do que alguma vez estivera, se a enfermeira entrasse agora no quarto não a conseguiria acordar e ter-se-ia assustado com o monitor cardíaco, quase morta nunca tendo estado tão viva.

Pela janela da primeira carruagem deparou-se com um homem que sabia ser o primo. Impecável no fato de corte italiano protegido por um sobretudo, o cabelo e olhos da infância, uma criança indefesa no corpo de um homem poderoso. Nunca o vira assim em qualquer dos seus sonhos. Trazia uma pasta na mão. Viu-o a encontrar um homem de lábios finos, trocaram duas ou três frases. O primo estava impecavelmente dilacerado. Só desejava descansar ou assim ela o entendeu ao ver a sua cara.

Subiu os degraus do comboio com pressa de entrar e de se sentar, mas isso ela não poderia saber. Como não poderia saber que o primo acabara de concluir que se tratava de um pesadelo – percebera-o ao ver que o seu relógio de pulso estava parado. Um relógio que fora fabricado para jamais poder parar.